

## COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E CULTURA: ANÁLISE DA PRÁTICA JORNALÍSTICA DA REVISTA OCAS

---

**Antonio Carlos Sardinha**

Mestre em comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). É professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

**Verônica Lima**

Mestre em comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Foi professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nacional do Timor-Leste, é bolsista da Capes na modalidade docência no exterior (Timor-Leste/PQLP).

### Resumo

O artigo lança o olhar para uma questão central da sociedade atual: o papel constitutivo da Comunicação, em especial o jornalismo, na produção, organização, circulação e reconhecimento de sentidos que permeiam a construção das relações socioculturais. A proposta é compreender em que medida o jornalismo praticado pela Revista Ocas se posiciona em uma complexa realidade urbana que tem nas forças culturais e nos dispositivos midiáticos espaços privilegiados para as disputas que se dão nos territórios urbanos.

**Palavras-chave:** Comunicação Alternativa; Cultura; Revista Ocas

### Resumen

El artículo se echa un vistazo a un tema clave en la sociedad actual: el papel constitutivo de la Comunicación, en especial el periodismo, en la producción, organización, circulación y en el reconocimiento de sentidos que subyacen la construcción de las relaciones socioculturales. La propuesta es entender en qué medida el periodismo practicado en la Revista Ocas se posiciona en una realidad urbana compleja que tiene en las fuerzas culturales y en los dispositivos de media espacios privilegiados para las disputas que ocurren en las áreas urbanas.

**Palavras clave:** Comunicación Alternativa; Cultura; Revista Ocas

### Abstract

This paper aims to discuss a central issue in present society: the constitutive role of Communication, particularly of journalism, in the production, organization, circulation and in recognizing the meanings that underlies the construction of socio-cultural relations. The proposal is to understand how the journalistic practices of Ocas magazine is positioned in a complex urban reality, whose has in cultural power and media devices privileged spaces for the disputes that occur in urban areas.

**Keywords:** Alternative communications; Culture; Ocas magazine

## 1. Comunicação e vínculo social

A compreensão de relações socioculturais aponta a interface que as mídias assumem nas dinâmicas sociais que tem a cultura como parte constitutiva do cotidiano. Adotamos o entendimento de Hall (1997) ao pensarmos a cultura também como importante na elaboração das subjetividades, da identidade e de sujeitos como atores sociais. O autor entende que as identidades sociais são construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.

Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Portanto, é fácil perceber porque nossa compreensão de todo este processo teve que ser completamente reconstruída pelo nosso interesse na cultura (HALL, 1997, p.06)

Tal como ressalta Martin-Barbero (2003), é nessa relação entre Comunicação e seus vínculos cotidianos que se expressam os sentidos sociais.

A comunicação é percebida, em todo caso, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e esperanças. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.63).

Posicionar os dispositivos midiáticos nestas disputas elaboradas por discursos que relacionam representação, identidades e disputas por sentidos (e reconhecimento) é compreender as práticas jornalísticas permeando projetos societários que, menos como campo acessório, assumem também centralidade no interior de projetos e ações que se apropriam da comunicação para mudança e transformação.

Beatriz Dornelles (2007), ao estudar a polifonia em torno da conceituação da comunicação comunitária e popular, indica que os vínculos sociais estabelecidos entre os sujeitos através da comunicação é a chave para tentar encontrar um denominador comum entre as diferentes definições existentes, ainda que concorde com a inviabilidade de generalizar as diversas conceituações (DORNELLES, 2007, p.15).

Esse denominador comum, segundo a autora, é importante na medida em que consiste justamente no fato de que todas as definições fazem referência a ações que de alguma forma se relacionam com as práticas simbólicas hegemônicas na sociedade. Nesse sentido, corroboramos com a ideia de que

A radicalidade do que pode se configurar como contra-hegemonia talvez resida no fato de não se desejar nunca o lugar de sujeito hegemônico, no fato de a contra-hegemonia se orientar por uma razão fundamental que se configure de modo contrário e oposto à hegemonia. (PAIVA, 2008, p.165)

As reflexões de Muniz Sodré contribuem para o entendimento da configuração das minorias sociais em face do engendramento comunicativo, e o contexto dessa relação é o rearranjo da própria democracia. Segundo o autor, “minorias é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (SODRÉ, 2005, p.14). Ou seja, está na gênese das minorias a busca por reconhecimento através de estratégias discursivas na disputa contra-hegemônica.

Nesse caso, as ações comunicacionais ditas alternativas podem ser sustentadas por vínculos sociais frágeis e pouco reconhecidos no contexto das disputas simbólicas no interior dos territórios sociais por restringirem-se a uma esfera da *representação* e não do *reconhecimento*.

Há duas partes fundamentais, por conseguinte, numa teoria do sentido tal como engendrada por um sistema produtivo: uma que concerne à reconstrução de gramáticas de produção, outra consagrada à reconstrução de gramáticas de reconhecimento. (...) a semiose social é uma rede significativa infinita. Em todos os níveis essa rede tem a forma de estrutura de encaixamento (VERÓN, 1980, p. 193-194).

Nesses termos, quanto mais complexa a sociedade mais complexa é a semiose que a atravessa. Para Verón (1980), na medida em que o a semiose social é dimensão significativa da organização social, ela é incessantemente dinamizada pelos conflitos sociais. A produção e reconhecimento social de sentido são em cada nível, cada tempo histórico e zona de funcionamento social submetidos a um processo de desregulagem e reajustamento (VERÓN, 1980, p.201).

Neste âmbito, a diversidade se contrapõe à pluralidade, assim como o reconhecimento se contrapõe à representação. Isso porque, uma expressão cultural simples não é capaz de engendrar vínculos comunicativos contra-hegemônicos. É a intervenção ativa e estratégica do diverso na disputa simbólica que resulta efetivamente em situações de contra-hegemonia (SODRÉ, 2008, p.35).

Como dispositivo comunicacional por excelência no jogo simbólico da contemporaneidade, o jornalismo caracteriza-se por ser estratégico na construção ou anulação de vínculos e na complexa semiose social, bem como da promoção ou silenciamento do diverso na complexidade social. As teorias construcionistas do jornalismo que compreendem a notícia como narrativas que representam a realidade e, portanto, constroem as realidades pelo investimento na produção de sentidos para os fenômenos narrados (TRAQUINA, 2005) reafirmam a dimensão cultural da prática jornalística.

O jornalista, na tarefa de trazer os acontecimentos ao campo dos significados, faz deste profissional um agente cultural, que por meio de sua narrativa singular, é capaz de superar o que Medina (2008) diagnóstica como *déficit* de complexidade nas práticas interpretativas da experiência coletiva, ou seja, no tratamento de fenômenos e temas de interesse público que afetam um conjunto de pessoas na sociedade.

Qualquer acontecimento lido apenas na aparência (como a do conflito político-econômico) remeteria, numa produção simbólica sutil, para a rede invisível de significados provenientes da cultura. Grandes esforços de cobertura da atualidade trazem à superfície dados muito oportunos, mas falta a leitura sutil das marcas identitárias, dos imaginários coletivos (MEDINA, 2008, p. 89).

Ao fazer essa “leitura sutil”, o jornalista não interferiria apenas na produção jornalística, realizando as conexões significativas dos fatos e especificidades que compõem o tecido noticiado. A interferência seria no âmbito cultural, ao identificar a *singularidade* dos dados (GENRO FILHO, 1987), entendendo-os e revelando-os como parte de um processo social amplo. Tal singularidade seria a essência do discurso jornalístico por buscar a superação das particularidades dos fatos, bem como da universalidade, que segundo Genro Filho (1987), é passível de ser expressa sob filtros de interesses.

## 2. Revista Ocas

A revista Ocas é uma publicação organizada por jornalistas colaboradores que, portanto, não recebem remuneração, e é vendida por moradores de rua e/ou pessoas em situação de risco social. O modelo foi inspirado em experiências existentes em outros países, as chamadas *street-*

*papers*, especialmente a revista inglesa “The Big Issue”<sup>1</sup>.

No caso brasileiro, o periódico circula bimensalmente (seis edições por ano) nas duas principais capitais brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, a revista é vendida por R\$ 4,00, sendo que R\$ 3,00 ficam com o vendedor da revista e o restante é utilizado para prover os custos com a produção das edições seguintes.

O slogan da revista é “Saindo das ruas”, uma referência direta ao projeto social em que está baseada a publicação (OCAS – Organização Civil de Ação Social), bem como uma alusão ao próprio conteúdo da revista, que prioriza temas relacionados à questão da exclusão social urbana, sempre em ligação direta com a cultura – literatura, música, cinema, artes plásticas, televisão, etc.

Tais temas são divididos entre algumas seções onde são publicados textos escritos pelos moradores de rua ou referentes à vida na rua, textos traduzidos de outros *street-papers*, fotografias experimentais ou sobre o cotidiano da rua, frases polêmicas e interessantes de artistas ou pessoas comuns, dicas sobre arte, literatura e eventos culturais, textos opinativos, além da matéria principal, geralmente entrevistas com figuras de destaque na área de cultura, e que tenham ligação com iniciativas independentes, alternativas ou alinhadas ao tema da exclusão social<sup>2</sup>. Dentre as diversas seções da revista, foram escolhidas para análise neste artigo as matérias que figuram a capa da revista, e a seção “Cabeça sem Teto”, por serem significativas no tratamento do tema da exclusão social. O estudo abrange todas as publicações do ano de 2010.

### **3. Análise**

Para a compreensão e interpretação dos dados do material escolhido, são utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), porque tal método permite a identificação das características mais particulares do conteúdo estudado e sua relação com o contexto social, para além do sentido léxico dos textos. Dentre as unidades de registro da análise (conforme BARDIN, 2009) identificadas, discutimos as marcas estruturais da linguagem textual e a utilização das fontes para a construção do discurso jornalístico. Estas duas categorias são fundamentais por revelar como o jornalista apropria-se da linguagem e dos discursos circulantes para elucidar as contradições embutidas em processos sociais, produzindo sentido sobre o cotidiano, um espaço permeado de conflitos que pautam a reportagem.

Em outros termos, a questão é saber até que ponto a forma de produção e organização do relato jornalístico sobre os problemas dos moradores em situação de rua acompanham características de uma prática jornalística alternativa nos termos apresentados no início deste artigo.

#### **3.1 Estrutura e organização do texto**

Entende-se a estrutura como sendo reveladora dos dispositivos que o texto jornalístico utiliza para se posicionar no campo das disputas que caracterizam a complexidade social, tal como nos apresenta Medina (2008). “Daí que os comunicadores, produtores das narrativas da contemporaneidade, são parceiros e não coadjuvantes na dialogia dos diferentes, dos opositores, dos que carecem de voz perante as vozes oficiais” (p.85). Ou seja, é do jornalista a responsabilidade de operar a linguagem jornalística de modo a apresentar a diversidade como constitutiva dos processos sociais, levando a uma compreensão mais complexa da própria sociedade.

Identificamos como estrutura diferencial do texto das duas seções estudadas o recurso à

primeira pessoa, que na revista assume a forma de relato que dá voz a atores sociais relacionados aos temas tratados pela revista.

No ano de 2010, nas duas seções estudadas, há apenas dois textos inteiramente em primeira pessoa nos seis números que contabilizam todas as edições do ano. Ambos foram publicados na seção “Cabeça sem teto”, e podem ser caracterizados como relatos sobre situações relacionadas com a exclusão social. O primeiro texto, intitulado “Reencontros em papel” (nº69 janeiro/fevereiro 2010), trata-se dos depoimentos de um ex-vendedor de Ocas e de um fotógrafo-escritor que passaram a ser amigos e trocar cartas depois do contato por meio da venda da revista Ocas. O segundo texto, “Relato do descaso” (nº73 setembro/outubro 2010), apenas reproduz o relato (tal como o próprio título traduz) escrito por dois moradores de rua, e que serviu como denúncia ao Ministério Público, sobre inadequação e descaso dos serviços de abrigo e acolhimento oferecidos pela prefeitura do Rio de Janeiro. Ou seja, ambos os textos em primeira pessoa publicados em 2010 pouco têm de jornalístico enquanto estrutura textual, entendendo a linguagem jornalística como genuinamente dotada de uma singularidade que, independentemente de ser ou não desenvolvida em primeira pessoa, vai além dos relatos pessoais e particulares (GENRO FILHO, 1987). Desaparece, nesses casos, a mediação dos jornalistas, que poderiam atuar como promotores de um olhar que diferenciaria tais relatos no interior da semiose social, destacando-os. Apesar de apresentarem aspectos importantes sobre a realidade da rua, os relatos só fazem sentido se apresentados num contexto de significação que os identifiquem como partes do mesmo processo de construção de sentido.

Em outros quatro textos do ano de 2010 o recurso à primeira pessoa também aparece de forma pontual, como forma de depoimento. Na matéria “Nas ruas, onde o povo está...” (nº70, março/abril 2010), são publicados depoimentos (em primeira pessoa) de artistas de rua, além de haver referência, também em primeira pessoa, ao contexto de produção da matéria, e o encontro com os artistas. No texto “Luta pela dignidade”, que compõe a reportagem “Esporte transformador” (nº73, setembro/outubro 2010), há uma pequena contextualização da produção da matéria, que utiliza a primeira pessoa para mostrar que a produção do texto se deu por meio de uma visita ao local a que faz referência (“Estivemos presentes [...] no Viaduto”). Já o texto “Medalhistas de honra” (nº74, novembro e dezembro 2010), são publicados dois textos de albergados, resultantes de oficinas de criação de texto, nos quais o recurso à primeira pessoa ocorre para ressaltar a ideia dos autores sobre a importância da solidariedade no contexto da desigualdade e exclusão sociais. Por fim, na reportagem de capa composta pelas matérias “O cinema das ‘Veias Abertas’”, “O cinema de ‘garimpo’” e “O cinema de resistência” (nº74, novembro e dezembro 2010), são publicados depoimentos, em primeira pessoa, de doze cineastas participantes da Mostra de Cinema e Direitos Humanos sobre seus filmes.

Ou seja, no que tange à organização e compreensão da estrutura textual jornalística, o que se encontra no ano de 2010 nas seções estudadas de Ocas é de pouca expressividade, contribuindo muito mais com algo próximo à pluralidade de sujeitos, e menos à diversidade de abordagens de tais sujeitos sociais que levaria uma compreensão histórico-cultural dos fatos noticiados. Em última instância, a abordagem dos fatos feita pela revista Ocas, ainda que partindo de pautas que buscam refletir uma realidade de exclusão e desigualdade sociais, não se desvincula da linguagem jornalística já reconhecida e reproduzida na contemporaneidade, marcada pela profusão de fatos noticiados sem grande conexão entre si, promovendo menos uma visão complexa, e mais visões pontuais e particulares.

### 3.2 Utilização de Fontes

Outro aspecto observado foi a utilização de fontes, relativamente à opinião dessas fontes sobre os temas tratados. Buscamos compreender como o jornalismo praticado na revista Ocas abrange a complexidade de interpretações e relações em torno da exclusão social, dando voz a especialistas e atores capazes de desenvolver reflexões em torno das necessidades sociais decorrentes do problema.

Nessa linha de análise, foram encontrados três grupos de fontes: 1) fontes favoráveis à linha editorial da revista, ou seja, que abordam a exclusão como um problema social; 2) fontes que contextualizavam a linha editorial, fornecendo dados sobre a exclusão social/situação de rua; 3) fontes em contraposição à linha editorial, ou seja, que se defendem das denúncias de exclusão social. Ao contabilizar as fontes consultadas nos textos publicados nas duas seções estudadas, os dados são como mostra o quadro a seguir:

Revista Ocas: ano 2010	
Tipos de fontes	Número
1) fontes favoráveis	37
2) fontes de dados	5
3) fontes de contraposição	3

Tipos de fontes na revista Ocas: 2010

As três fontes consultadas como contraposição aparecem numa mesma matéria que compõe a reportagem de capa da edição número 70 (março/abril 2010). A matéria, intitulada “A história se repete” denuncia a inadequação do tratamento recebido por moradores de rua. A primeira fonte ouvida em contraposição a essa denúncia é a Secretaria Especial da Ordem Pública (Seop), que nega a acusação de violência e preconceitos no tratamento dos moradores de rua. A segunda fonte é o site da própria prefeitura municipal, que mesmo representando o governo, é utilizado para destacar relatos presentes em releases oficiais que confirmam a falta de cuidados no tratamento com a população em situação de rua. Por fim, a terceira fonte é Fernando William, secretário municipal de Assistência Social, que defende as operações e oferece informações sobre investimentos em projetos que buscam atender a população de rua; no entanto, o texto sugere que o posicionamento do secretário é duvidoso, ao questionar implicitamente, no final do texto, a postura do secretário ao longo da entrevista: “Durante a entrevista por telefone, William diversas vezes chamou de hipócritas os que criticam as ações do “Choque de Ordem” (“Outro lado”, texto complementar de “A história se repete”, revista Ocas, nº70, março/abril 2010, seção “Capa”).

A partir desse cenário, compreendemos que o jornalismo praticado na revista Ocas opta por um padrão na utilização das suas fontes que visa corroborar com “um mesmo lado” do problema da exclusão social, destacando a situação de rua como principal face de tal problema. No entanto, ressaltamos que essa estratégia pode se caracterizar como barreira para uma possível caracterização mais abrangente e complexa do tema a que se propõe tratar. Conforme afirma Medina (2008), “Na teia de significados de um diagnóstico abrangente, não é possível abraçar todos os ângulos, mas, por outro lado, ficar insistindo em um único (...) leva à redução e não à complexidade” (p.82).

Ou seja, a utilização de fontes que potencialmente poderiam trazer à tona complexidade do que seria o combate à exclusão social se dá a partir de um pressuposto já consolidado na linha editorial da revista, ou seja, a inoperância dos governos frente à questão das pessoas em situação de risco social. Esse pressuposto pode até se basear em experiências do dia a dia de quem

vive nas ruas, e de quem acompanha tal realidade, no entanto, leva à condenação dos aparatos estatais para enfrentar o problema, depositando implicitamente as expectativas de superação em programas e entidades assistenciais, o que, apesar de ter sua validade na experiência sensível, não garante a existência (ou, antes, a cobrança) de medidas estruturantes e perenes, por meio principalmente, de ações estatais.

E é nesse contexto que também as fontes favoráveis se apresentam nas matérias estudadas. Das 37 contabilizadas, 19 estavam relacionadas a relatos de superação da condição de risco social por meio de ações de assistência, e 18 faziam referência a contextos de denúncia.

Ao se observar a utilização das fontes na revista Ocas de uma forma genérica, pode-se inferir que a publicação se preocupa menos em fornecer um panorama amplo do que representa o problema da exclusão e desigualdade sociais nas grandes cidades onde circula – São Paulo e Rio de Janeiro – do que simplesmente dar visibilidade a tal problema sob a perspectiva de ações de assistência e voluntariado, a exemplo do próprio projeto que sustenta o periódico. Isso distancia a Ocas da possibilidade de uma construção narrativa mais complexa sobre a realidade.

### **Conclusões**

A partir das categorias analisadas, bem como do contexto da existência e circulação da revista Ocas nas cidades onde está presente, percebe-se que a revista busca chamar atenção para um assunto praticamente invisibilizado no cotidiano urbano. No entanto, esse esforço da publicação não tem relação direta com uma abordagem complexa do tema da exclusão social e a população em situação de risco social. Trata-se mais de uma representação dos referidos problemas, do que um reconhecimento desses problemas e dos atores envolvidos nele.

Nesse sentido, a revista estudada ainda apresenta uma lacuna de compreensão e prática do jornalismo, sob o ponto de vista do conceito de comunicação alternativa que defendemos, e conseqüentemente do jornalismo como operador de sentidos que minimize déficit de abrangência que acomete a narrativa jornalística contemporânea.



### **Referências**

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

DORNELLES, Beatriz. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. *E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Agosto, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/176/177>

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê, 1987 – disponível s/p em: [www.adelmo.com.br](http://www.adelmo.com.br)

HALL, S. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Versão traduzida)

KAPLÚN, Gabriel. Entre mitos e desejos: desconstruir e reconstruir o desenvolvimento, a sociedade civil e a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.) *O retorno da comunidade – os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. pp. 167-194

LIMA, Verônica M. A. As consequências das relações socioculturais no jornalismo da Revista Ocas. 2011, 131 f. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.) *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, pp.57-86.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. *Matrizes*, USP, São Paulo, Ano 2, nº 1, 2008

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: \_\_\_\_\_ (org.) *O retorno da comunidade – os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. pp. 133-148.

\_\_\_\_\_. Contra-mídia-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.) *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, pp.163-174.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo – globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, Alexandre, PAIVA, Raquel (orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005, pp. 11-14.

\_\_\_\_\_. O jogo contra-hegemônico do diverso. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.) *Comunicação e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, pp.27-38.

\_\_\_\_\_. *A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Volume 1: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

### **Webgrafia**

<http://blogdaocas.blogspot.com.br>

<http://www.street-papers.com>

### **Notas**

<sup>1</sup> Existe uma organização que congrega todas essas iniciativas similares, a *International Network of Street-Paper* (INSP), da qual a Ocas também faz parte, e que atualmente congrega 122 periódicos de 41 países diferentes.

<sup>2</sup> A estrutura com textos traduzidos e compartilhados com outros *street-papers* foi inaugurada em agosto de 2011. As seções que não sofreram nenhuma mudança desde o início são as estudadas neste trabalho: Cabeça sem Teto e Capa. Anteriormente, todas as seções tratavam dos mesmos temas (cultura, urbanização, exclusão social), mas o conteúdo era exclusivamente produzido no Brasil.